

PREÂMBULO

Publicamos finalmente o volume 58 dos TAE online, no ano em que a SPAE comemora o seu Centenário, pois foi fundada inicialmente no Porto em dezembro de 1918, por uma diversificada plêiade de autores, de que se destacou o vulto de Mendes Correia.

Mais tarde foi a vez de Santos Júnior prosseguir o trabalho do seu mestre, mantendo como soube e pôde a associação, e, depois, foi a oportunidade de um conjunto de “jovens de Letras” tentarem “substituir” o já idoso professor, renovar a SPAE, e dar-lhe continuidade através de uma maior sintonização com a problemática contemporânea das ciências sociais e humanas em que a antropologia tem um papel central, sendo até de estranhar não existir o seu ensino (e portanto também pesquisa por entidades oficiais) na capital do Norte e, em particular, na hoje tão prestigiada e importante Universidade do Porto. Medicina, Ciências ou Letras, pouco nos importam esses compartimentos convencionais, necessários à prossecução do ensino e da pesquisa, pois aqui, na SPAE, estamos num espaço liberto de responsabilidades e constrangimentos disciplinares, e onde se pode discutir tudo, desde evidentemente que com o respeito pelas posições alheias e pelo espírito dos Estatutos.

Essa “liberdade” é muito importante num mundo altamente funcionalizado, pragmático, muitas vezes superficial, e onde as pessoas, no afã de segurarem o seu posto e de aumentarem o seu curriculum, pouco tempo têm, muitas vezes, para discutir o essencial. Essa autossuficiência imaginária pode ser mortífera, quer dizer, isolar a pessoa e fossilizar o seu desenvolvimento.

Mas tal discussão exige tempo e, também, uma mentalidade desprovida de peias hierárquicas formais, embora, mais uma vez, com o respeito total pelo(a) outro(a), pelo trabalho meritório de cada um(a). Afinal, o espírito antropológico de ouvir o diferente, não para o colonizar como no passado, não com a avidez em concordar ou discordar, em se afirmar superior ou inferior, mas com a abertura que resulta da convicção de que o(a) outro(a) tem sempre muito mais a ensinar-nos, como ser de experiência diferente, do que às vezes nos parece “à primeira vista”. A vivência humana observada tanto quanto possível de dentro, e não apenas de fora, como mais um objeto de estudo académico, eis o que realmente nos importa. Não interessa estarmos ou não de acordo com esta ou aquela perspectiva: mas sim pormo-nos de acordo, com bom senso e reflexão, sobre aquilo em que discor-

damos e (sobretudo) porquê. Os espaços onde isso se pode fazer abundam, com a multiplicação de eventos, nos dias de hoje?... Pensamos, paradoxalmente, que não: muita comunicação e pouca capacidade de reflexão, sobretudo de reflexão crítica.

E é aí que entra a especificidade do nosso labor coletivo. Concordar com/discordar das ideias e perspectivas que se nos apresentam não se confunde com o binómio simpatia/antipatia, ou amizade/inimizade. Cada um(a) prossegue o seu caminho, mas, se solitário, tal caminho conduz irrevogavelmente a um beco sem saída. E sobretudo, é crucial o princípio da lealdade entre todos, afinal, em última análise, aquela educação que a palavra alemã *Bildung* tão bem exprime. “Sem isso”, como se diz vulgarmente, “chapéu”...é a “selva”...

Creemos novamente que este é um volume rico em temas diversificados e sugestivos, contado também, outra vez, com um dossiê muito interessante, que ficamos a dever à iniciativa e colaboração dos nossos prestigiados colegas e amigos do ISCTE, Profs. Jorge Freitas Branco e António Medeiros, o que muito agradecemos e nos enriquece.

Os últimos anos têm sido produtivos para a SPAE. Temos uma revista online, visitada por milhares de pessoas, divulgamos e publicamos regularmente as nossas atividades (gratuitas e abertas) no YouTube e no Facebook, realizamos regularmente conferências, termos obtido alguns novos sócios muito ativos e interessantes, mantemos uma constante interação internética com todos os sócios, etc., enfim, estamos “vivos”, apesar da escassez de meios e da abundância de dificuldades.

Alguns problemas no entanto temos para resolver, desde logo a localização definitiva da nossa biblioteca, doada à Universidade do Porto, mas que se encontra ainda temporariamente na nossa sede, inventariada mas sem condições de consulta; problema que evidentemente depende da própria UP. Isso obsta a que a sede seja devidamente arrumada e nela se possa trabalhar convenientemente, em todos os aspectos. Também necessitamos de uma mais ativa participação dos sócios nas nossas realizações, pois temos apenas algumas dezenas de associados neste momento, e infelizmente, certos deles, persistem em nunca aparecer... o que é pena, pois assim não se integram no trabalho associativo, colaborativo, que se pressupõe que alguém visa realizar quando preenche a ficha de inscrição e é admitido numa coletividade. Ao menos que, aqui, mesmo temporariamente, esqueçamos esse egocentrismo doentio para que conduz um mundo regido pela concorrência forte, para não dizer mesmo agressiva e muitas vezes feroz...e que cria subjetividades que, como que sentindo-se agredidas, se fecham, quais ouriços quando se sentem (ou se imaginam) atacados. Tal mundo dá por vezes origem a atitudes impiedosas e inesperadas para com o semelhante (para já não falar do dissemelhante)... como todos e todas bem sabemos.

Mas mais, precisamos na SPAE de aumentar o número de sócios, pois é das suas quotizações que fundamentalmente agora vivemos. Mas sócios que nos tragam o seu saber e a sua iniciativa realista, que queiram mais servir a SPAE do que servir-se da SPAE, colaborando nas sessões, nesta revista, enfim, nas várias iniciativas que, na nossa modesta capacidade, vamos tentando desenvolver, mantendo e dando continuidade a uma história cuja melhor forma de prezar é insuflando-lhe continuamente nova vida, novas problemáticas, inteligência em suma, dentro de um espírito inter e transdisciplinar que nos caracteriza.

Podendo o nosso relatório de atividades de 2017 ser lido no blogue (que agora, com a utilização frequente do Facebook, usamos menos) – <https://sociadadeportuguesaantropologia.blogspot.com> – podendo aquilo que vamos realizando e que temos programado ser seguido no Facebook, instrumento de trabalho hoje em dia indispensável – <https://www.facebook.com/Spae-Sociedade-Portuguesa-De-Antropologia-E-Etnologia-242375295851375/> – não iremos aqui estender-nos em grandes listas de eventos ou outras considerações.

Apenas acentuar que, em 2018, a nossa comemoração do Centenário se subdivide em várias iniciativas: conferências no Porto, ora no Edifício I&D da FLUP (rua dos Bragas) ora no Palacete Balsemão (Praça Carlos Alberto), da Câmara Municipal do Porto, sem obviamente excluir a Fundação Eng.º António de Almeida; Colóquio Internacional “Modos de “Fazer”, a realizar de 17 a 19 de outubro na Faculdade de Letras do Porto, seguido de conferência do Prof. Tim Ingold, antropólogo (Univ. de Aberdeen) no dia 20, ambos de colaboração, que muito agradecemos, com o CITCEM, sediado na FLUP; finalmente, pequena exposição retrospectiva das atividades da SPAE, que estará exposta de outubro a dezembro no átrio da Faculdade de Letras. A todas estas entidades, e nomeadamente a responsáveis das mesmas, como a Prof.^a Fernanda Ribeiro, diretora da FLUP, a Prof.^a Amélia Polónia, coordenadora científica do CITCEM, a Dra. Alexandra Cerveira Lima, Chefe de Divisão Municipal de Museus e Património Cultural da Câmara Municipal do Porto, e o Doutor Fernando Aguiar-Branco, Presidente da FEAA, apresentamos os nossos melhores agradecimentos.

O nosso trabalho, nas últimas décadas, tem consistido essencialmente numa atualização da SPAE – processo de transformação de uma “sociedade de sábios” (“société savante”) herdada do século XIX e com princípio no século XX, num espaço moderno de debate de temas contemporâneos, e particularmente desse, que é a matriz de muitas outras perguntas: “que é o homem?” (no sentido de ser humano, claro).

junho de 2018

Vítor Oliveira Jorge